



## Mulheres em Foco

**N° 20050401**

**Abril - 2005**

Alcides Carneiro - IPP/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro



**PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

**Secretaria Municipal de Urbanismo**

Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos

## **EXPEDIENTE**

---

A **Coleção Estudos Cariocas** é uma publicação virtual de estudos e pesquisas sobre o Município do Rio de Janeiro, abrigada no portal de informações do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos da Secretaria Municipal de urbanismo da Prefeitura do Rio de Janeiro (IPP) : [www.armazemdedados.rio.rj.gov.br](http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br).

Seu objetivo é divulgar a produção de técnicos da Prefeitura sobre temas relacionados à cidade do Rio de Janeiro e à sua população. Está também aberta a colaboradores externos, desde que seus textos sejam aprovados pelo Conselho Editorial.

### **Periodicidade:**

A publicação não tem uma periodicidade determinada, pois depende da produção de textos por parte dos técnicos do IPP, de outros órgãos e de colaboradores.

### **Submissão dos artigos:**

Os artigos são submetidos ao Conselho Editorial, formado por profissionais do Município do Rio de Janeiro, que analisará a pertinência de sua publicação.

### **Conselho Editorial:**

Ana Paula Mendes de Miranda, Fabrício Leal de Oliveira, Fernando Cavallieri e Paula Serrano.

### **Coordenação Técnica:**

Cristina Siqueira e Renato Fialho Jr.

### **Apoio:**

Iamar Coutinho

CARIOCA – Da, ou pertencente ou relativo à cidade do Rio de Janeiro; do tupi, “casa do branco”. (Novo Dicionário Eletrônico Aurélio, versão 5.0)

## MULHERES EM FOCO

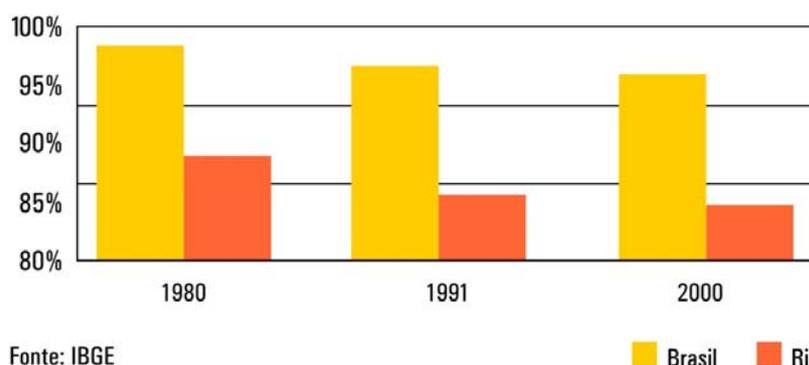
Alcides Carneiro - IPP/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

### Brasil

No Brasil o contingente feminino atingiu, no Censo 2000, 86,3 milhões respondendo por 51% da população total. O superávit feminino era, então, da ordem de 2,7 milhões de mulheres. No Rio o saldo feminino equivale a 13,2% do total de homens da cidade, ou seja, um índice quatro vezes maior que o nacional.

No Brasil, para cada 100 mulheres brasileiras havia 96,9 homens, ou seja, uma razão de sexos de 96,9. Já na cidade do Rio, havia 100 mulheres para cada 88,4 homens, uma diferença significativa. O gráfico 1 mostra uma queda gradual e contínua da razão de sexos, nas duas últimas décadas, tanto no Rio como no Brasil.

Gráfico 1 - Razão de sexos - Brasil e Município do Rio de Janeiro 1980 a 2000

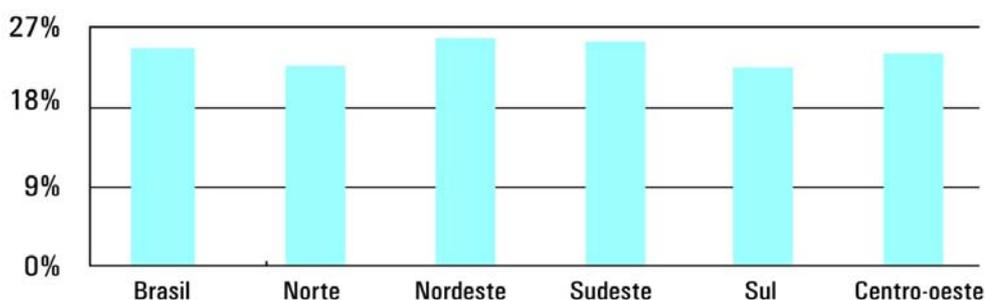


Fonte: IBGE

■ Brasil ■ Rio

As transformações demográficas, socioeconômicas e culturais das últimas décadas têm gerado alterações na composição e no tamanho das famílias. Uma importante mudança é o acelerado crescimento das mulheres responsáveis por domicílio. Este fenômeno, de abrangência nacional, não apresenta diferenças significativas entre as grandes regiões do país, como evidencia o gráfico 2.

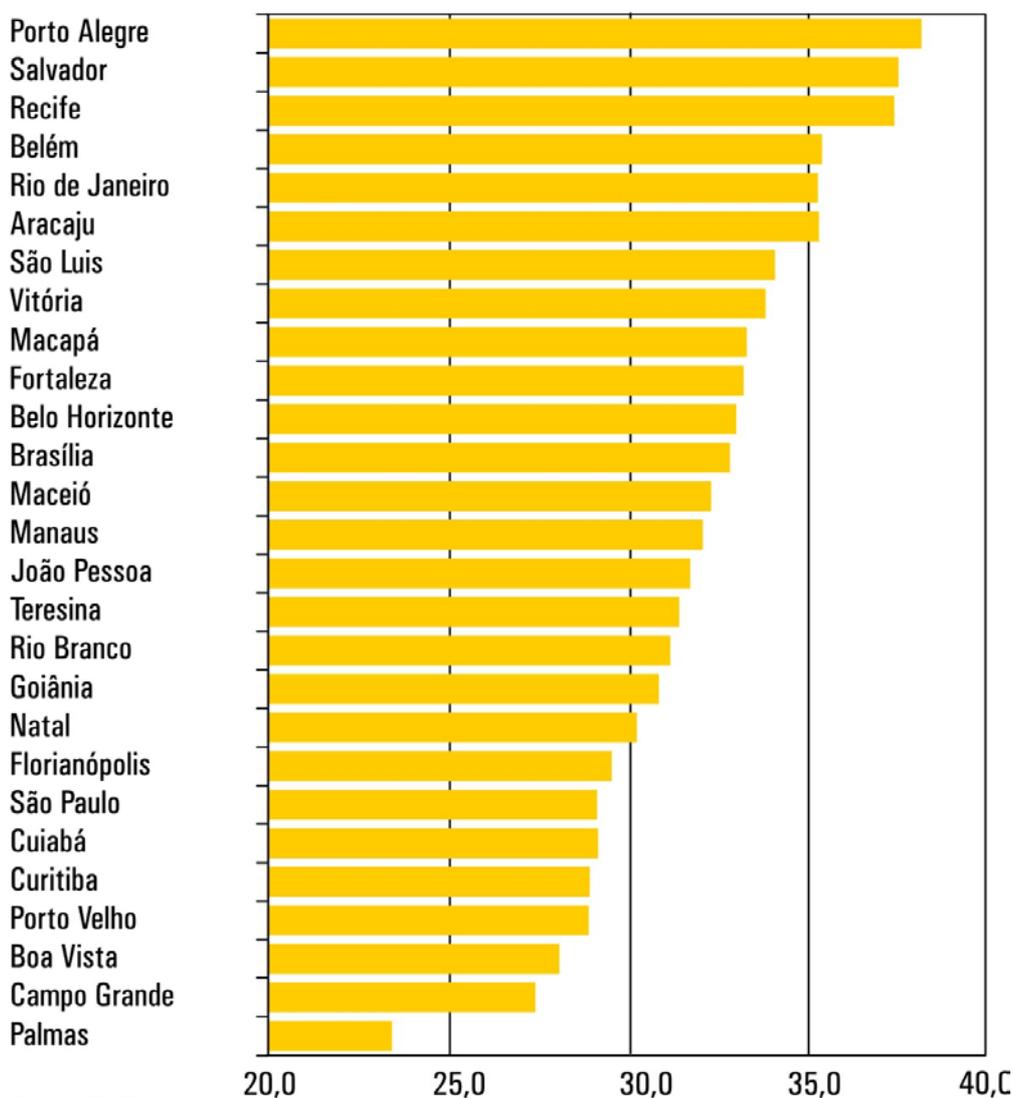
Gráfico 2 - Proporção de mulheres responsáveis pelos domicílios Brasil e Grandes Regiões - 2000



Fonte: IBGE

Em contraponto às Grandes Regiões, as disparidades entre os municípios das capitais são significativas, tendo como extremos Porto Alegre e Palmas. Na primeira, as mulheres declaram-se responsáveis pelos domicílios em 38,2% destes ou, praticamente, dois em cada cinco lares da capital gaúcha. Já em Palmas, essa proporção cai para 23,4% das residências. Nas capitais estaduais, esse indicador apresenta, portanto, uma variação de 15 pontos percentuais, como se verifica no gráfico 3.

**Gráfico 3 - Proporção de mulheres responsáveis pelos domicílios  
Municípios das capitais - 2000**



## Rio de Janeiro

As mulheres da cidade do Rio de Janeiro ultrapassaram 3 milhões e 60 mil residentes no ano 2000, enquanto o contingente masculino chegou aos 2,7 milhões.

Na Região Administrativa de Campo Grande, reside hoje o maior contingente feminino da Zona Oeste e também da cidade.

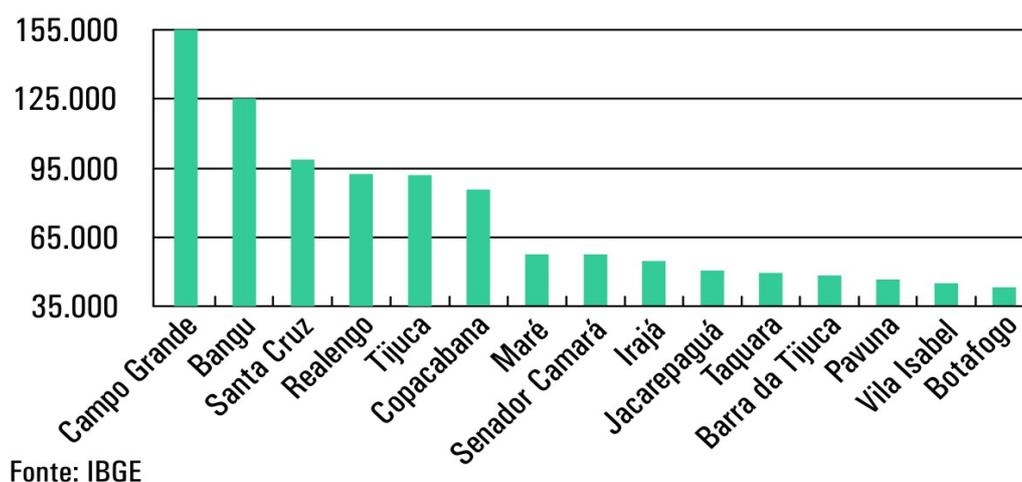
A RA de Copacabana aparece como aquela com maior proporção: 58% dos moradores, aproximadamente três em cada cinco residentes, são mulheres.

Em Guaratiba, a principal característica fica por conta do equilíbrio entre os sexos; dos 100 mil habitantes locais, 50 mil são homens e a outra metade, mulheres.

## Bairros

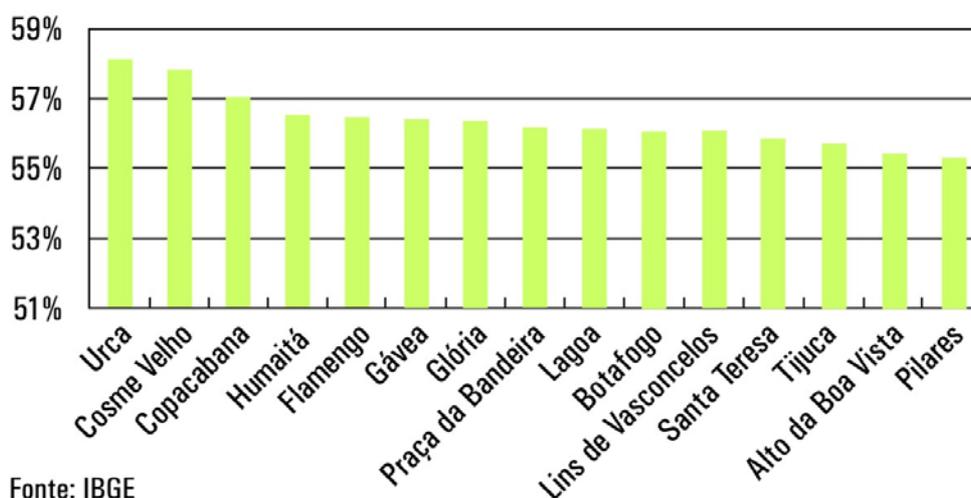
Entre os 15 bairros com maior contingente feminino, destacam-se aqueles com grandes extensões territoriais como Campo Grande (155 mil hab. em 15.344 ha), Bangu (125 mil hab. em 6.781 ha), Santa Cruz (99 mil hab. em 16.408 ha) e Realengo (93 mil hab. em 5.454 ha), todos situados na Zona Oeste, que sozinha agrega 50% do território carioca.

Gráfico 4 - Quinze bairros com maior população feminina da cidade 2000



Já do ponto de vista da densidade, ou proporção de mulheres no total da população, o foco vai para a Zona Sul. Neste quesito despontam bairros como Urca em que elas respondem por 58,2% da população, Cosme Velho (57,8%), Copacabana (57,1%) e Humaitá (56,5%), todos com estrutura etária mais envelhecida, influenciada pela maior expectativa de vida de seus moradores e, em especial, de suas mulheres.

**Gráfico 5 - Quinze bairros com maior proporção de mulheres em relação ao total da população - 2000**

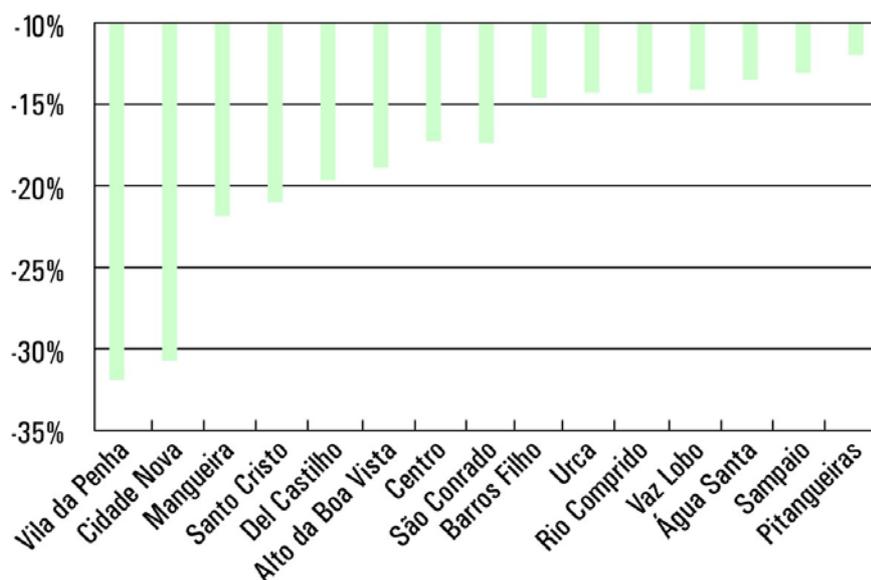


Fonte: IBGE

Entre os bairros com maior crescimento do contingente feminino, entre 1991 e 2000, destacam-se Camorim (441%), Vargem Pequena (238%), Recreio dos Bandeirantes (175%) e Itanhangá (135%). Vale lembrar que, em função do pequeno contingente de habitantes, tanto no Camorim, quanto em Vargem Pequena, qualquer incremento populacional acarreta percentuais de crescimento extremamente elevados.

Entre os bairros que mais perderam população feminina entre 1991 e 2000, destacam-se Vila da Penha (31,8%), Cidade Nova (30,7%), Mangueira (21,9%) e Santo Cristo (21,1%), como mostra o gráfico 6.

**Gráfico 6 - Quinze bairros com maior perda % de população feminina entre 1991 e 2000**

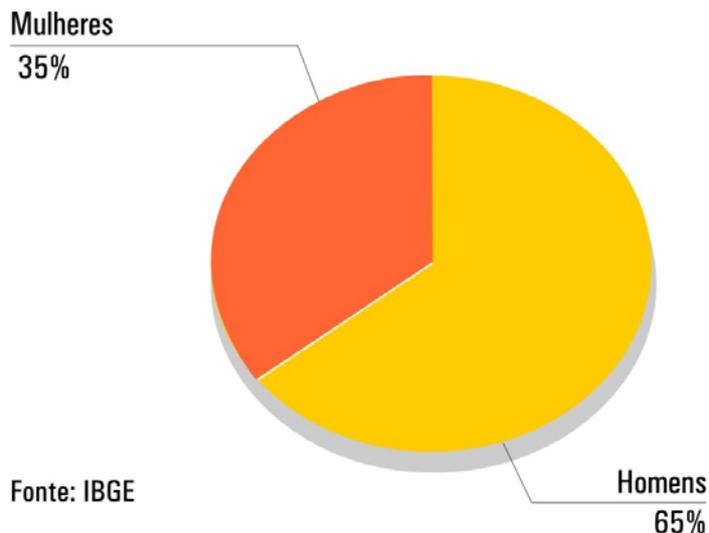


Fonte: IBGE

## Responsável pelo domicílio

O número de mulheres responsáveis pelos domicílios atingiu 638 mil em um total de 1,8 milhão de moradias, ou seja, em 35,3% dos lares cariocas o responsável é do sexo feminino. Entre os bairros, destacam-se Copacabana (29.535) e Campo Grande (26.018).

Gráfico 7 - Responsáveis por domicílio por gênero - 2000



## Estrutura etária / sexo

A estrutura etária por sexo da população é apresentada em valores absolutos. As três primeiras faixas, que compõem o segmento até 14 anos, são menos numerosas, evidenciando o envelhecimento da população carioca. Este segmento se constitui no único com predomínio masculino, em função do saldo sempre favorável aos meninos nos nascimentos. A partir dos 15 anos as mulheres se tornam mais numerosas, dando origem ao superávit feminino da cidade.

Gráfico 8 - Distribuição da população por idade e gênero - 2000

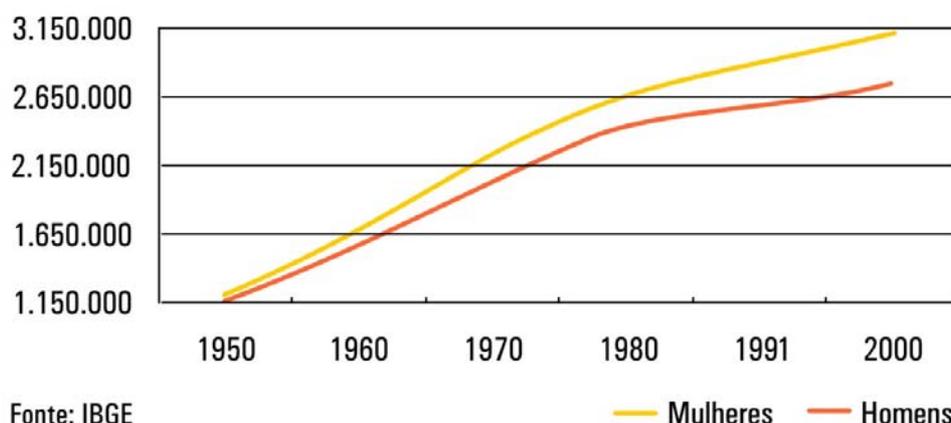


Fonte: IBGE

Mulheres Homens

O gráfico 9 apresenta a evolução da população por sexo nos últimos seis Censos Demográficos (1950 a 2000), mostrando uma tendência divergente entre as curvas masculina e feminina, que ao longo das últimas cinco décadas vai ampliando gradativamente o saldo feminino.

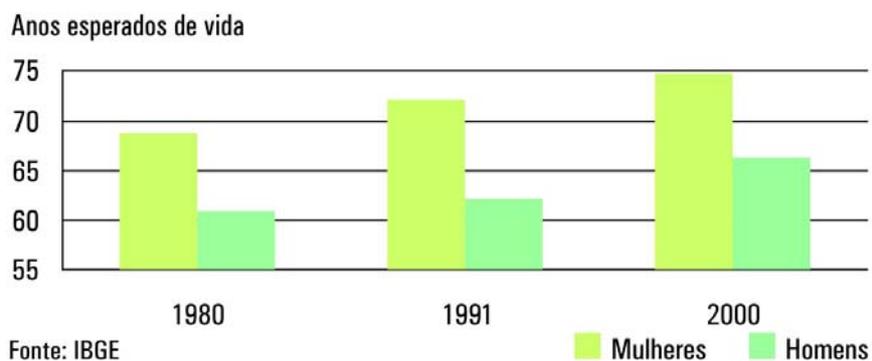
**Gráfico 9 - Evolução da população por gênero - 1950 a 2000**



### Esperança de vida

A esperança de vida ao nascer, nas datas dos censos decenais do IBGE (1980, 1991 e 2000), mostra que tanto os homens como as mulheres ampliaram sua expectativa de vida. A diferença média no tempo de vida das mulheres em relação aos homens era de oito anos e meio em 2000. Em 1991, as mulheres viviam, em média, uma década a mais que os homens.

**Gráfico 10 - Esperança de vida ao nascer por gênero 1980, 1991 e 2000**

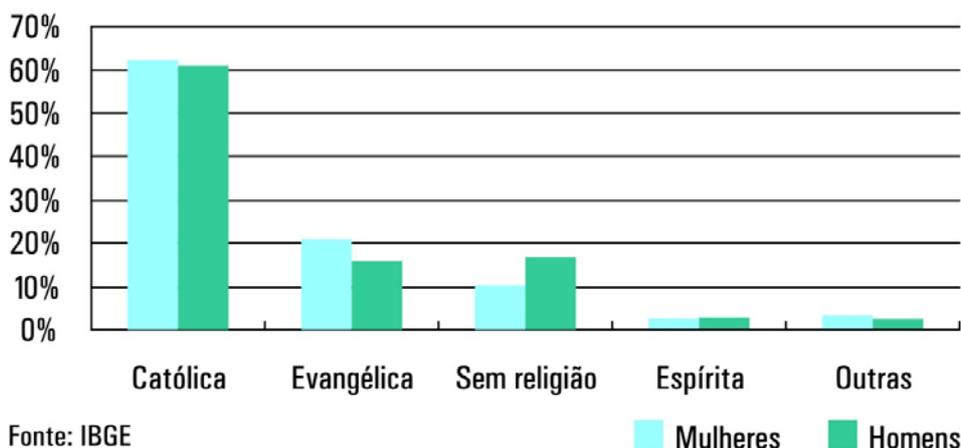


### Religião

São evidentes os contrastes entre os principais grupos religiosos (Gráfico 11). Os católicos são majoritários, respondendo por mais de 60% do total, tanto de homens como de mulheres. Já entre os evangélicos, o segundo grupo com maior contingente de adeptos, constata-se maior presença feminina (20,7%). Entre os homens, apenas 16,0% se declararam evangélicos, índice inferior ao daqueles que se definiram como

sem religião (16,7%). Pelo lado feminino, as sem religião aparecem como terceiro maior contingente (10,5%).

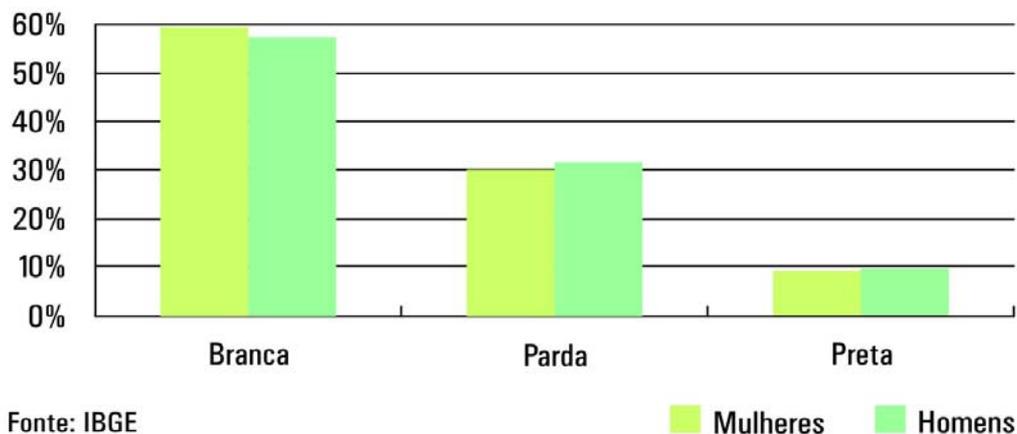
**Gráfico 11 - Distribuição % da população pelos principais grupos de religião, segundo o gênero -2000**



### Declaração de cor

Diferenças entre proporções de homens e mulheres, pela declaração de cor ao IBGE, não são significativas quando as informações se encontram agregadas para a cidade.

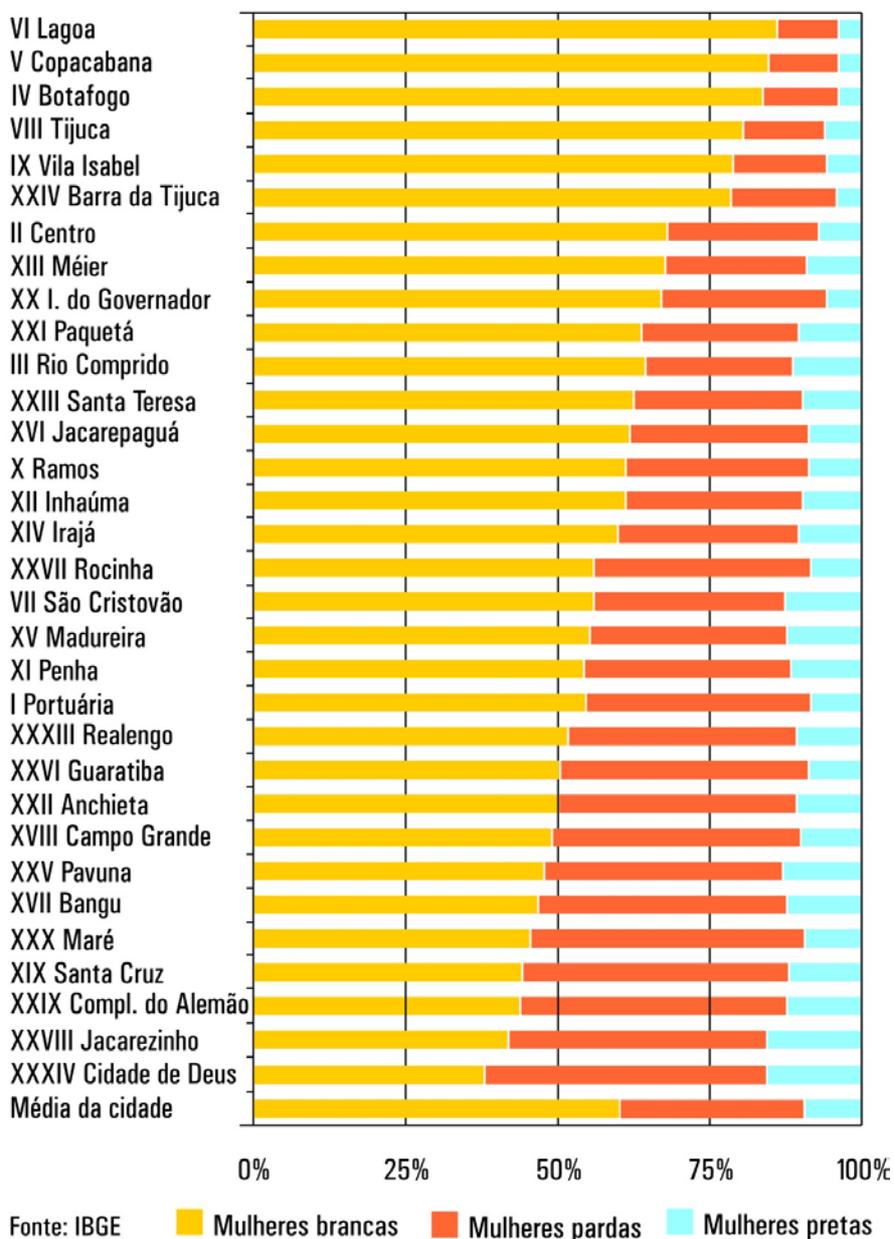
**Gráfico 12 - Distribuição % da população pelos principais grupos de cor, segundo o gênero -2000**



O gráfico 13 explicita a estrutura feminina pela declaração de cor para cada uma das Regiões Administrativas. As áreas sabidamente de maior renda são também as que têm a maior parte da população autodeclarada como branca. Nas RA's da Lagoa, Copacabana, Botafogo, Tijuca, Vila Isabel e Barra da Tijuca, mais de 75% da população é branca. Em contrapartida, nas RA's que concentram maior parcela de população moradora em área de favela (Cidade de Deus, Jacarezinho, Complexo do

Alemão, Maré e Rocinha), a participação das que se declaram pardas e brancas praticamente se iguala, no patamar de 45%.

Gráfico 13 - Mulheres brancas, pardas e pretas por Regiões Administrativas - 2000

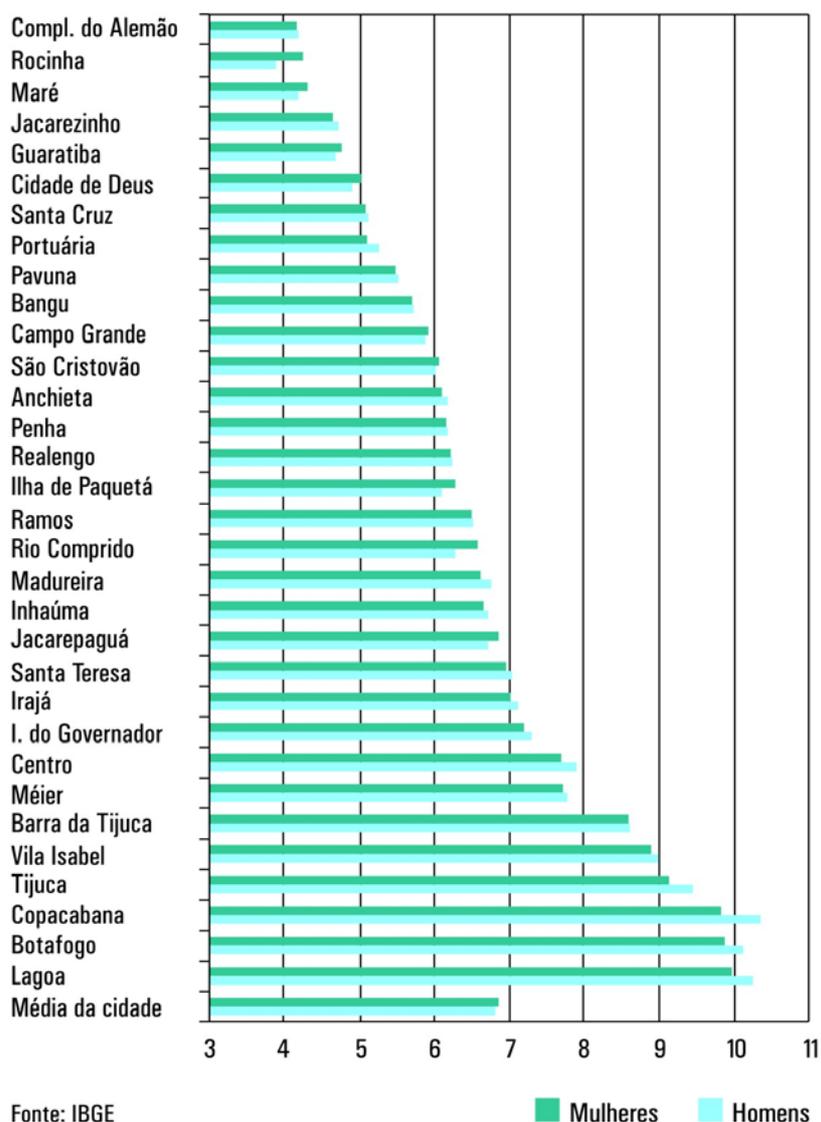


### Anos de estudo

As médias de anos de estudo dos homens (8,7) e mulheres (7,9) apresentam pouca diferença, sendo a masculina sempre superior à feminina em todas as RA's. Evidenciam-se entre as RA's, discrepâncias no tempo investido em educação (gráfico 14). As seis RA's com maior representatividade da população que se declara de cor branca também são as que possuem maior média de anos de estudo da cidade (10

anos ou mais). No outro extremo, as RA's em que predominam as menores médias de ano de estudo (menos de 6 anos) são também aquelas cuja população, em sua maioria, mora em favelas. O padrão por gênero, entretanto, é distinto. Nas RA's mais ricas, os homens têm maior média de anos de estudo do que as mulheres. Nas RA's formadas majoritariamente por população moradora de favelas, as mulheres têm média maior (com exceção da RA do Jacarezinho).

Gráfico 14 - Média de anos de estudo da população por gênero, segundo as Regiões Administrativas - 2000

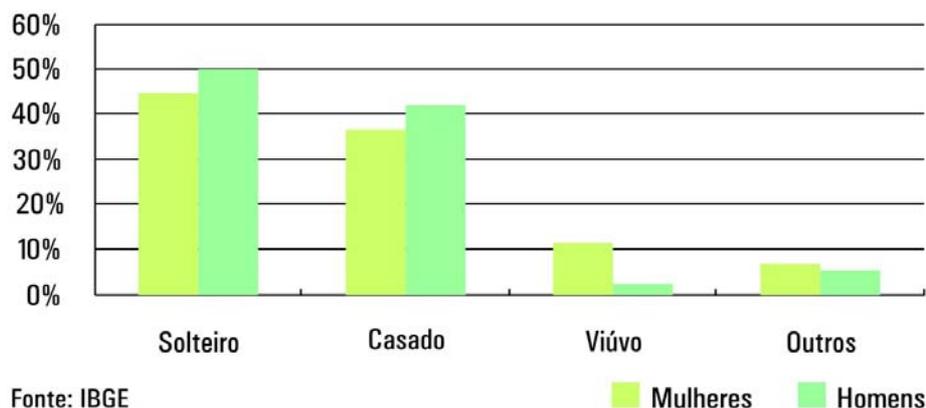


## Estado civil

O estado civil da população carioca mostra diferenças entre os sexos. Mais da metade dos homens (55%) é formada por solteiros, enquanto que para as mulheres o índice não ultrapassa 50%. Entre os que optaram pelo casamento, também é maior a proporção masculina (38% contra 34% das mulheres). A primazia feminina se dá entre viúvos, divorciados e separados/desquitados. A maior diferença entre os sexos é

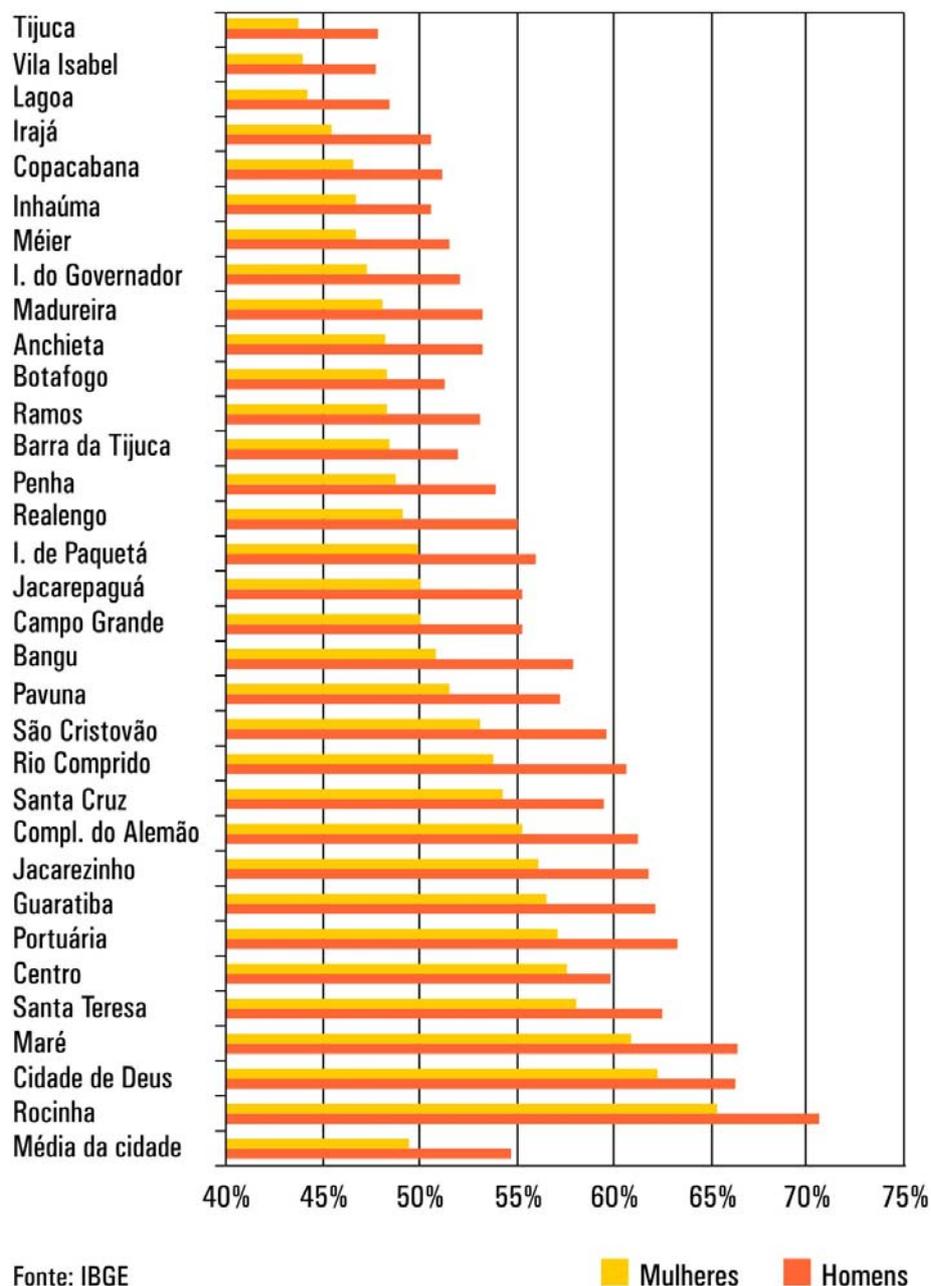
verificada entre viúvos, onde as mulheres representam 10,6% e os homens diminutos 2,2%.

**Gráfico 15 - Distribuição % da população de 15 anos ou mais por estado civil, segundo o gênero - 2000**



Observando a população formada por solteiros nas RA's, verifica-se que a maior proporção destes é encontrada nas RA's com predominância de moradores de favelas, onde a pirâmide etária mostra uma composição mais jovem. Nestas áreas, os solteiros respondem por dois em cada três moradores. Na Rocinha, ocorre a maior proporção da cidade, já que 71% dos homens e 65% das mulheres se declararam solteiros. A Tijuca faz o contraponto, com as menores proporções tanto para homens (48%), quanto para mulheres (44%).

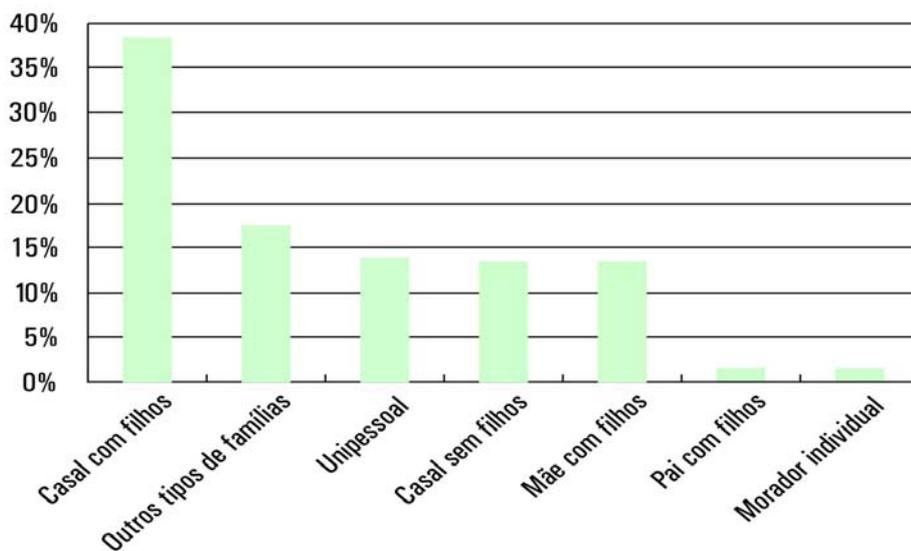
Gráfico 16 - Proporção de pessoas solteiras de 15 anos ou mais por sexo, segundo as Regiões Administrativas - 2000



### Famílias

Entre os tipos de família, ainda predomina aquela composta de um casal com filhos (38,4%). A tipologia "outros tipos de família" aparece em segundo lugar (17,6%). As pessoas que moram sozinhas constituem o terceiro seguimento, respondendo por 14% deste universo, em outras palavras, aproximadamente um em cada sete cariocas mora só. Os casais sem filhos (13,6%) e as mães com filhos (13,4%) praticamente completam o total de famílias.

Gráfico 17 - Distribuição % das famílias por tipo de família - 2000

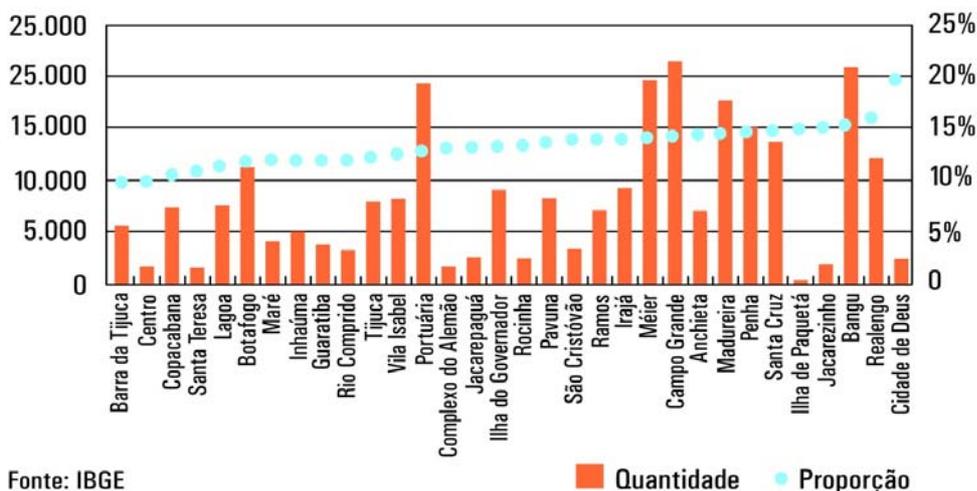


Fonte: IBGE

A tipologia mãe com filhos, mais conhecida em termos demográficos como monoparental, caracteriza-se como uma família que tem sua origem no desmembramento de uma família nuclear, ou seja, aquela composta por um casal com filhos. A guarda dos filhos, na grande maioria dos casos, recai sobre a mulher. Uma outra situação que faz ampliar o contingente de monoparentais são as mães solteiras.

O gráfico 18 sugere uma correlação positiva entre RA's com população mais pobre e maior proporção de famílias monoparentais. Observa-se, entretanto, em comunidades como Maré, Complexo do Alemão, Rocinha, entre outras que, apesar da baixa renda per capita, apresentam pequena proporção de famílias formadas por mães com filhos, demonstrando que outros fatores (como as estruturas etárias) também influenciam esse resultado. Estão nas RA's do Centro, Zona Sul e Barra da Tijuca as menores proporções de famílias monoparentais.

Gráfico 18 - Proporção de famílias formadas por mãe com filhos por Regiões Administrativas - 2000



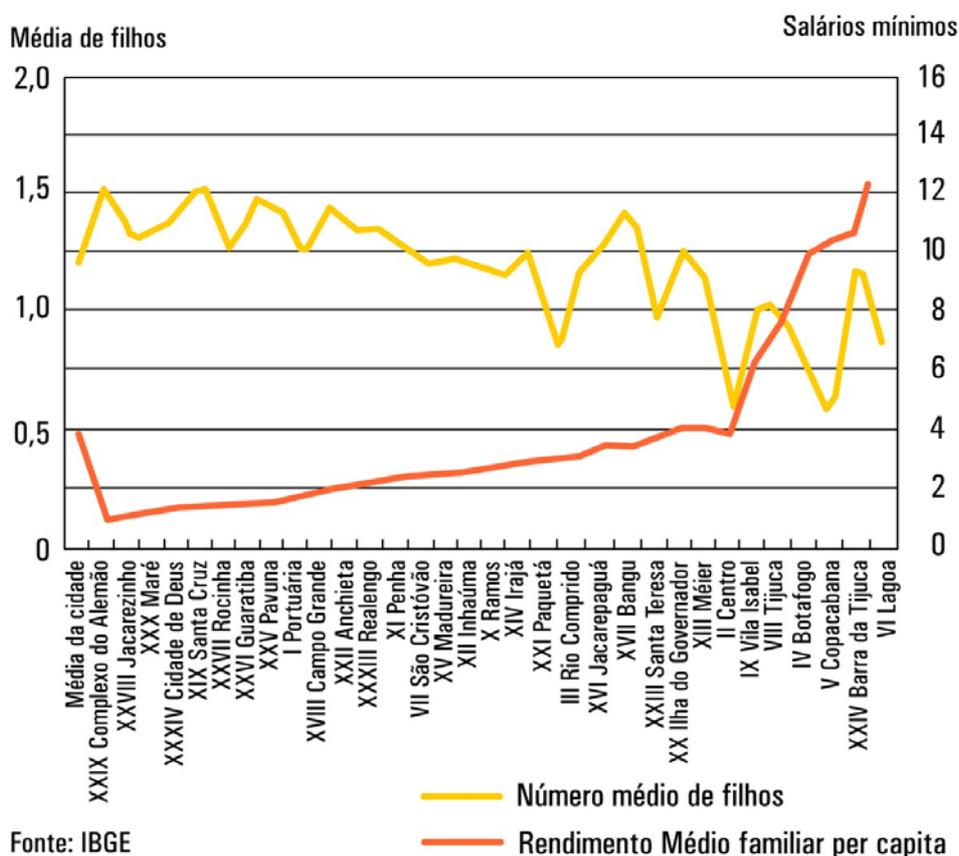
Fonte: IBGE

Quantidade Proporção

Em termos quantitativos, as RA's de Campo Grande, Bangu, Méier e Jacarepaguá aparecem como aquelas que detêm maiores contingentes de famílias monoparentais.

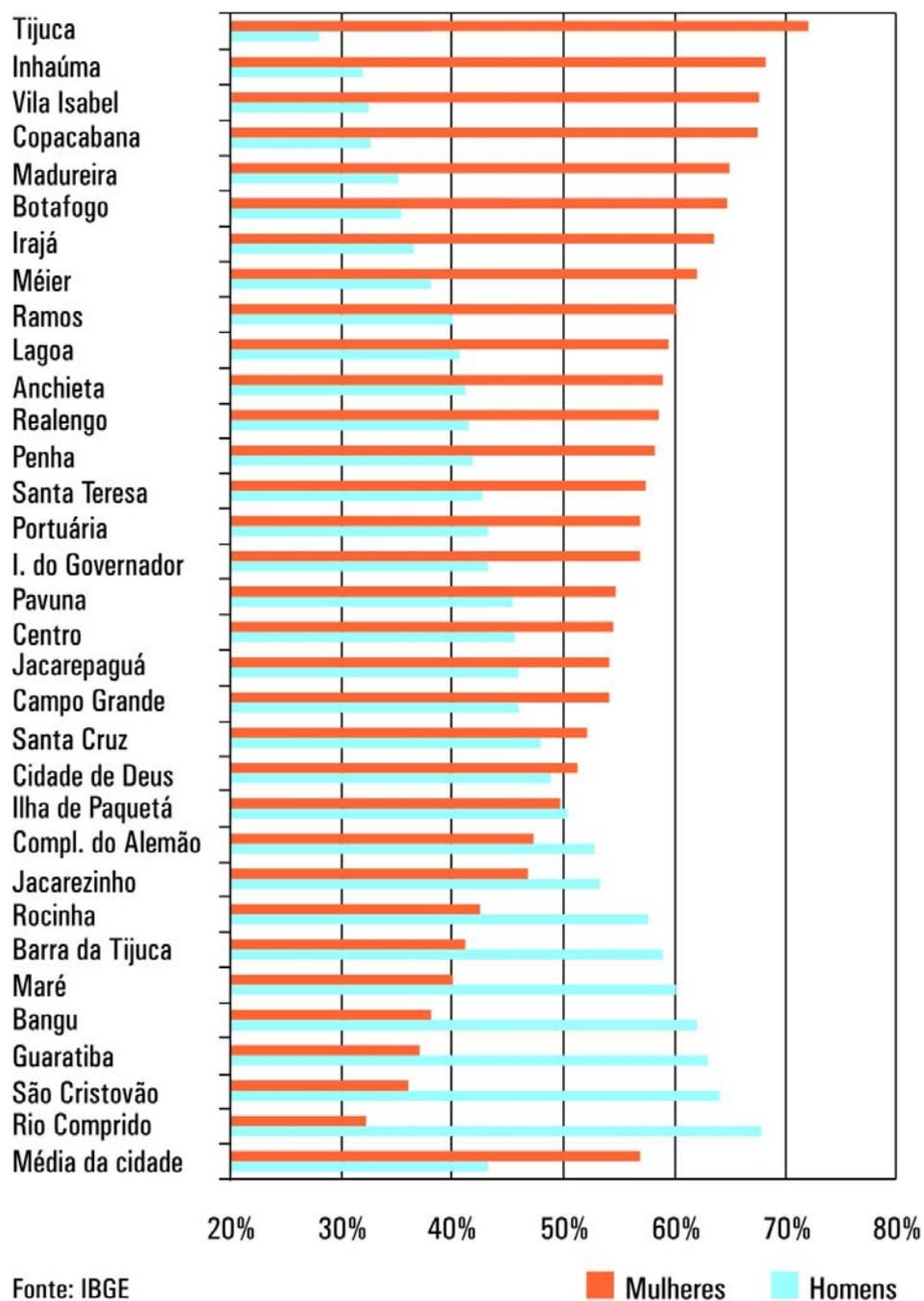
O gráfico 19 compara a média de filhos e o rendimento médio familiar *per capita*. Em geral, quanto maior a média de filhos tidos, menor o rendimento e vice-versa. Duas exceções à regra são as RA's da Barra da Tijuca e Vila Isabel que, mesmo com rendimentos altos, ainda têm média de filhos superior a um.

**Gráfico 19 - Número médio de filhos e rendimento médio familiar per capita em salários mínimos, segundo as Regiões Administrativas - 2000**



Entre as pessoas que moram sozinhas, as mulheres têm maior representatividade (57%). Nesse universo desponta a RA da Tijuca com uma proporção de mulheres que atinge 72% das moradias unipessoais. A vizinha RA do Rio Comprido se caracteriza pelo oposto: apenas 32,3% das pessoas que moram sozinhas são do sexo feminino. A média da cidade fica em 56,8%.

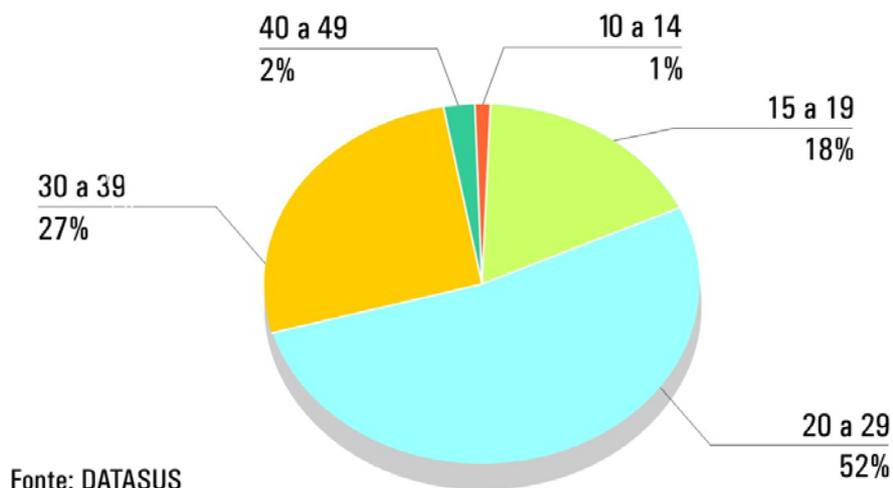
Gráfico 20 - Distribuição de pessoas que moram sozinhas por gênero, segundo as Regiões Administrativas - 2000



## Mães

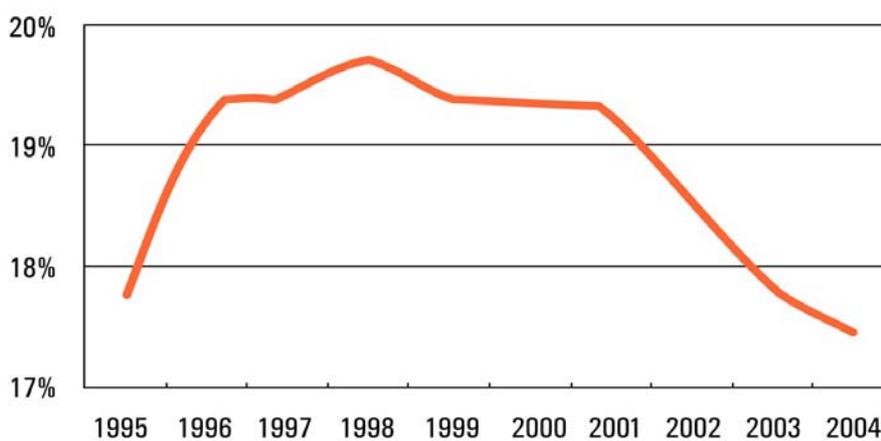
Na maior parte dos nascimentos de cariocas (52%), as mães têm idade entre 20 e 29 anos. Aquelas definidas como jovens (até 19 anos) respondem por 19% dos partos, ou seja, um em cada cinco recém nascidos tem mãe jovem.

Gráfico 21 - Nascimentos segundo a idade da mãe - 2002



A série histórica de partos de mães jovens (gráfico 22) mostra crescimento entre 1995 e 1998. No período de 1999 a 2004 ocorre uma reversão de tendência com queda contínua. Além da dimensão social e do aumento das dificuldades para avançar nos anos de escolaridade, é importante registrar que é entre mães jovens que ocorrem os maiores problemas de parto, seja por má formação do feto, seja por problemas diretamente com as mães.

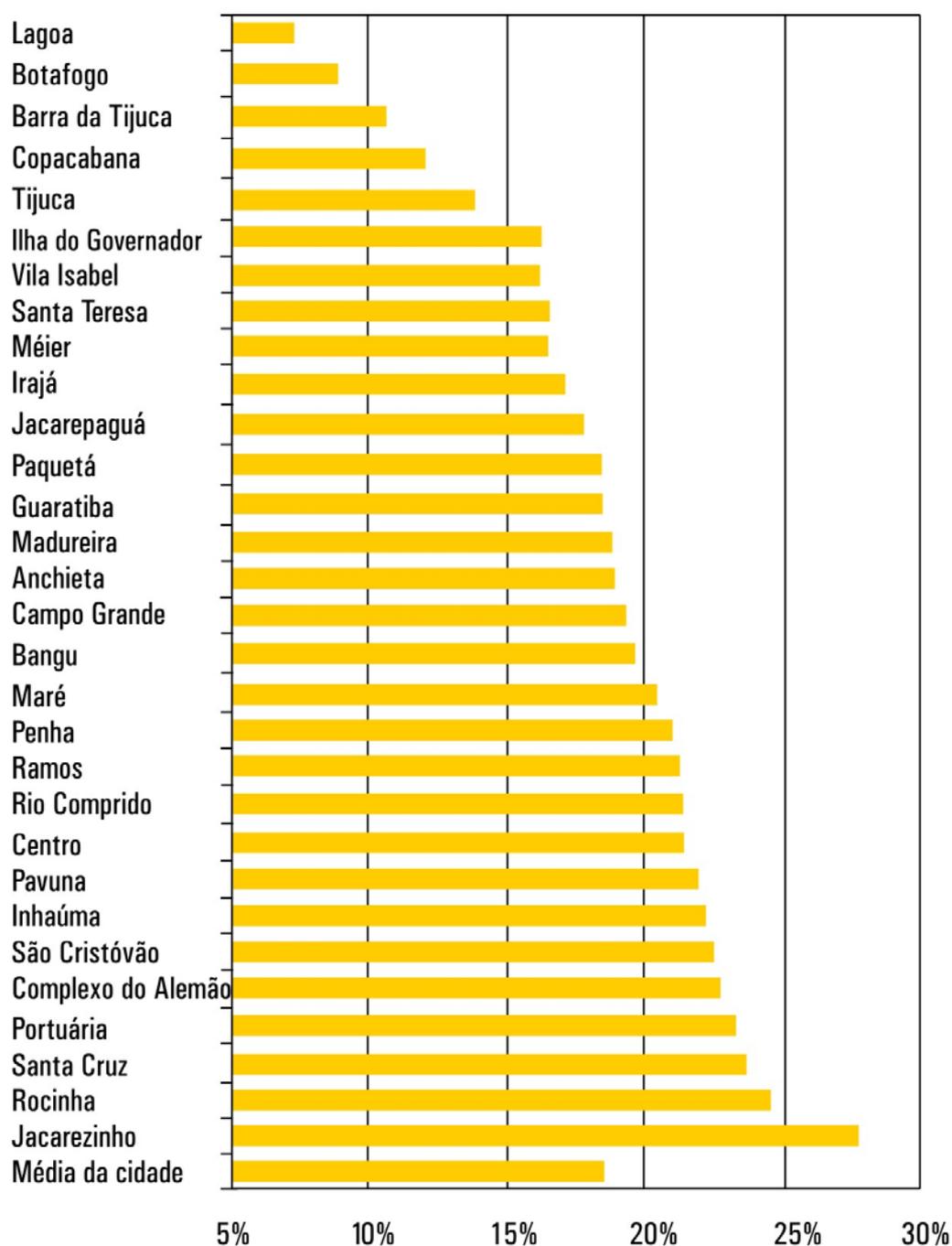
Gráfico 22 - Proporção de mães jovens (10 a 19 anos) em relação ao total de mães- 1995 a 2002



Fonte: DATASUS

Observando os partos de mães jovens por RA, verifica-se uma frequência maior nas áreas com menor renda e pouca representatividade nas regiões com maior poder aquisitivo da cidade. Nas RA's com predominância de moradores de favela, como Jacarezinho, as mães jovens chegam a representar 27,7% do total de partos, ou seja, mais de um em cada quatro nascimentos foi gerado por uma mãe jovem. Já no outro extremo, temos a RA da Lagoa, onde as mães jovens são responsáveis por apenas 8,2% dos partos.

**Gráfico 23 - Proporção de mães adolescentes (10 a 19 anos) no total, segundo as Regiões Administrativas - 2002**

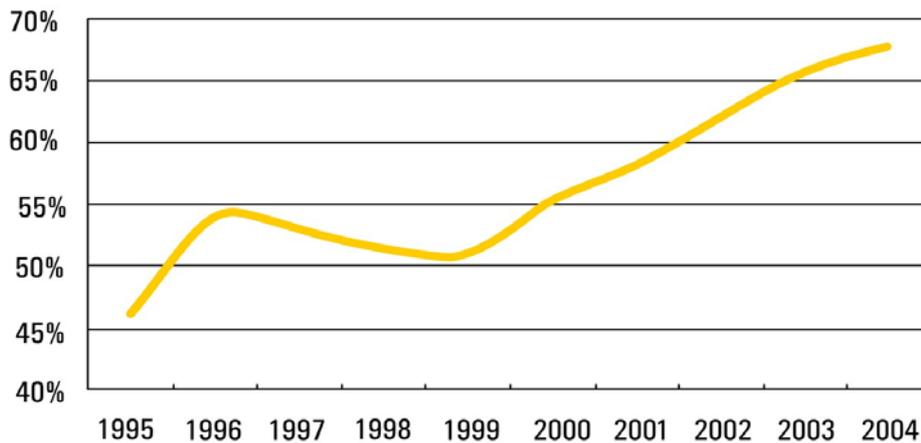


Fonte: IBGE



O acompanhamento da gravidez constitui-se na melhor prevenção de problemas no parto. Em 2002, 63% das mulheres fizeram seis ou mais consultas pré-natal, que é a recomendação da Organização Mundial da Saúde – OMS. A série histórica mostra um crescimento contínuo na proporção de mulheres que fazem no mínimo seis consultas no pré-natal.

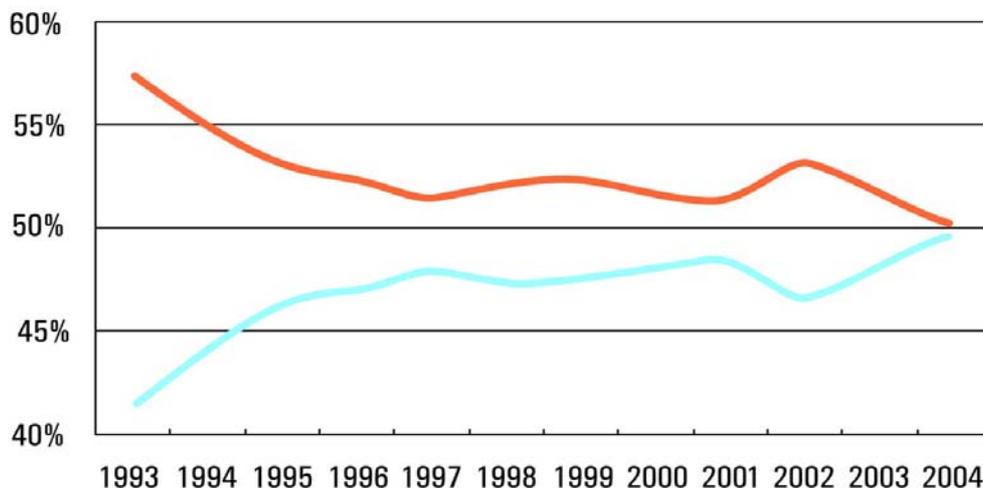
**Gráfico 24 - Proporção de mães que fizeram a quantidade indicada de consultas (mais de 6) durante a gravidez - 1995 a 2004**



Fonte: DATASUS

Em 2004, metade dos partos era feito pelo método natural, e os outros 50% por cesariana. A série histórica dos partos revela uma tendência preocupante, já que em 1993 os partos naturais chegaram a representar 57%. Vale lembrar que a OMS (Organização Mundial da Saúde) define como padrão ideal o limite de 15% para os partos operatórios. Logo o Rio convive hoje com uma taxa 3,3 vezes superior à ideal.

**Gráfico 25 - Proporção de partos natural e operatório - 1993 a 2004**

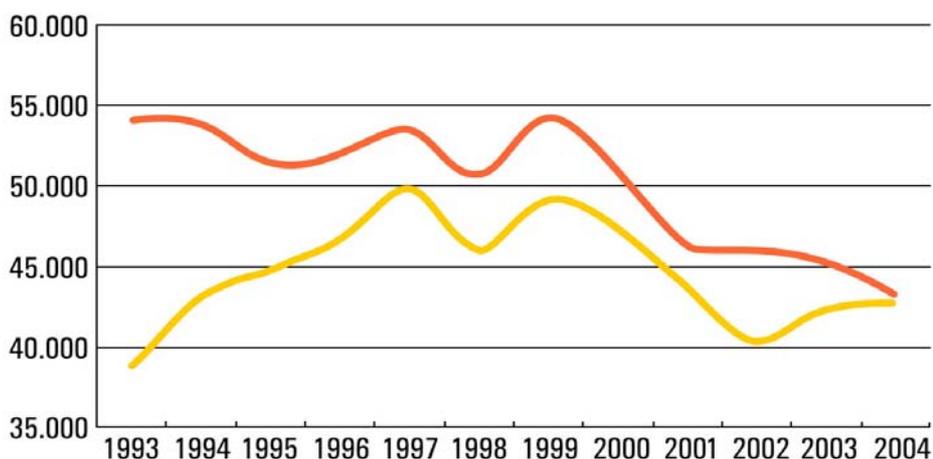


Fonte: DATASUS

— Natural — Operatório

A contínua queda no número de partos pode ser verificada no gráfico 26. Em 1997 foram registrados 104 mil partos, o maior contingente desde a implantação do SINASC, enquanto em 2004 apenas 86 mil partos, apontando uma queda de 17% em sete anos. O ano de 2004 caracteriza-se como o ponto de convergência das duas curvas. Mantida a tendência atual, as cesarianas passarão a prevalecer sobre o método natural.

Gráfico 26 - Proporção de partos natural e operatório - 1993 a 2004



Fonte: DATASUS

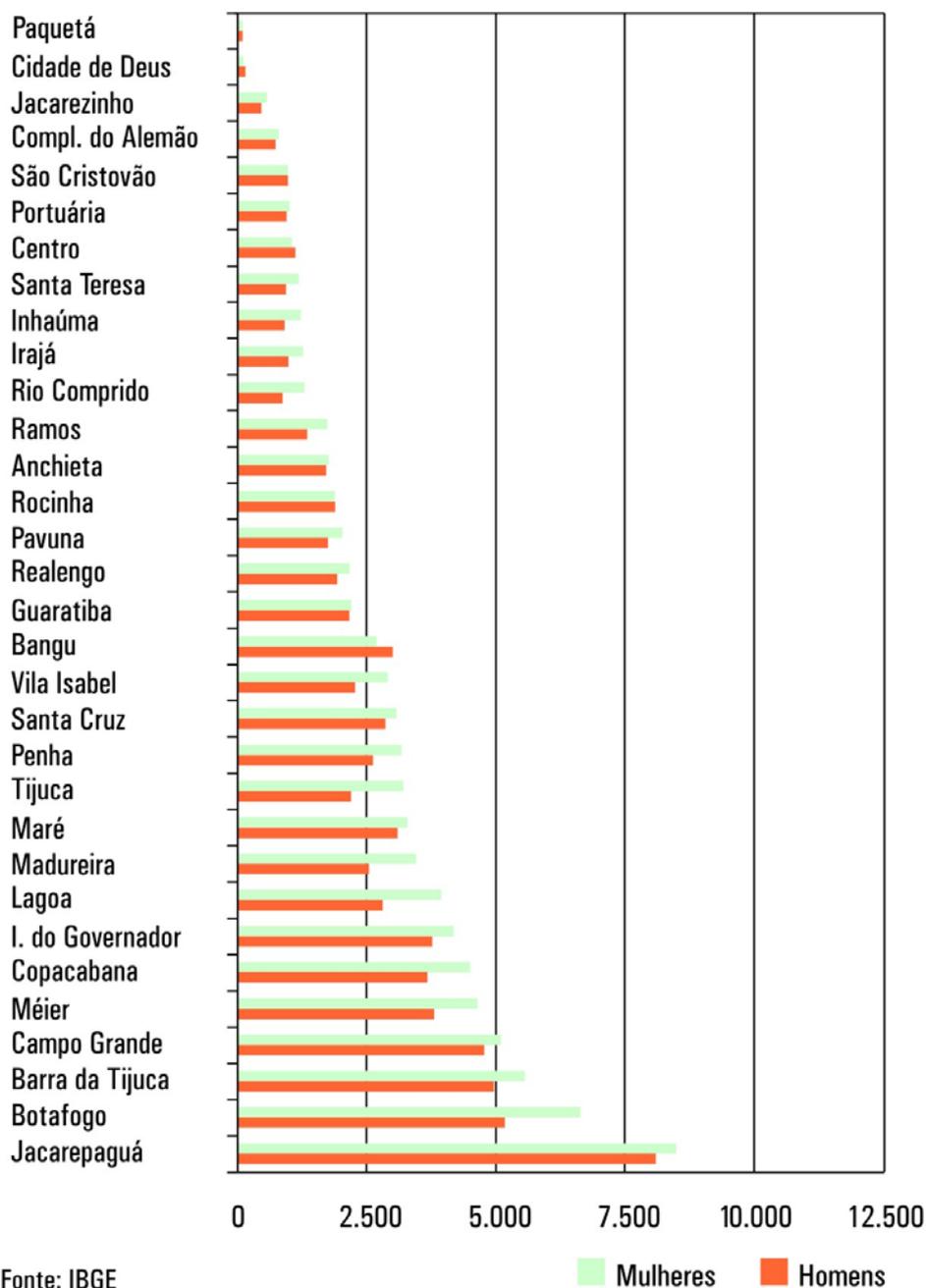
— Natural — Operatório

## Migração

Os imigrantes que chegaram ao Rio de Janeiro nos cinco anos anteriores ao Censo 2000 se distribuíram entre áreas com diversas faixas de renda. Em 2000, as RA's que mais atraíram migrantes foram Jacarepaguá (23 mil) e Botafogo (17 mil). No outro extremo da escala aparecem Paquetá (200) e Cidade de Deus (340), com irrisória atratividade de imigrantes.

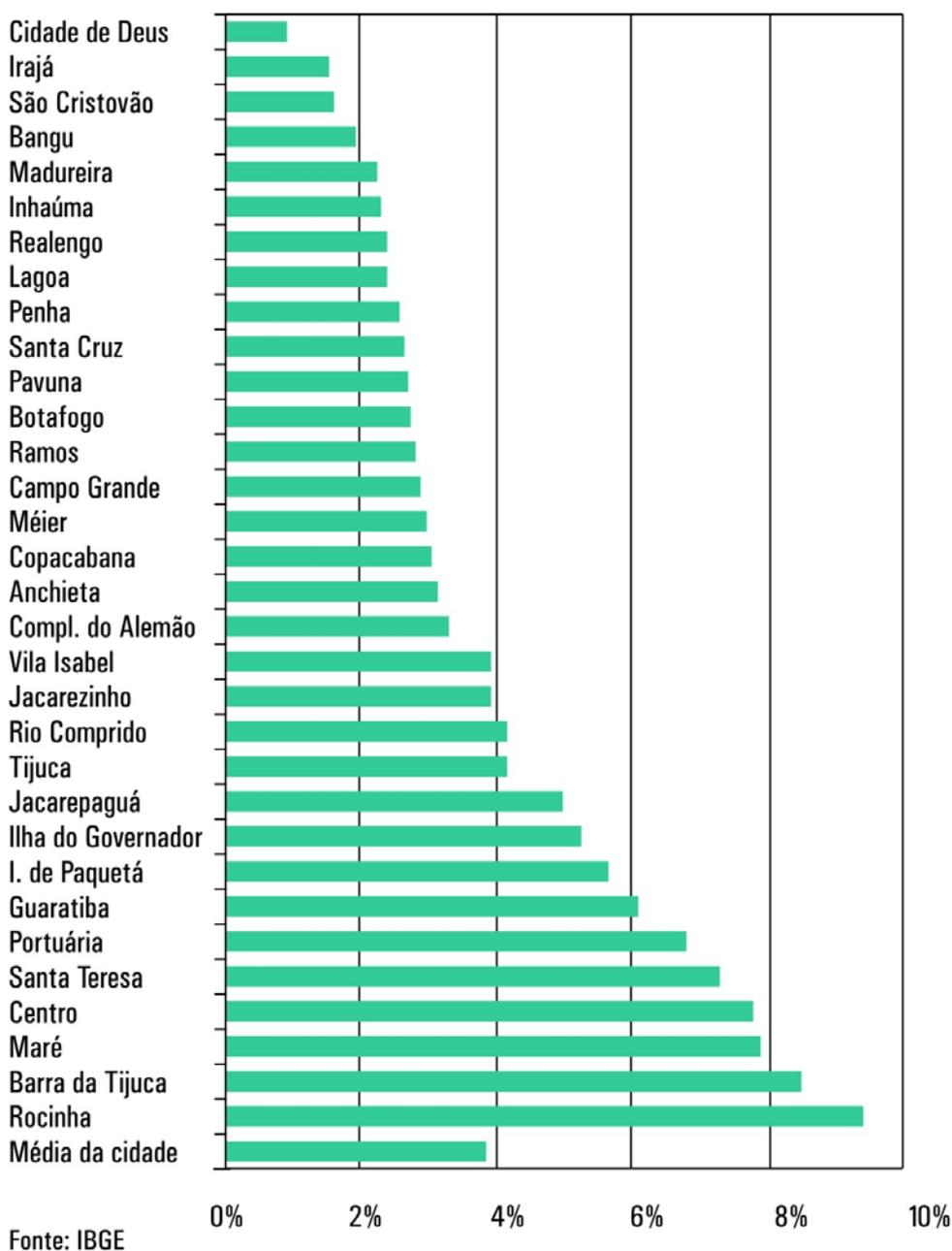
O gráfico 27 mostra que as mulheres migram em maior número, em praticamente todas as RA's. A RA de Bangu aparece como a única com saldo masculino razoável. Ao todo, nos cinco anos anteriores ao Censo 2000, migraram para o município do Rio de Janeiro 225 mil pessoas, sendo 121 mil mulheres.

Gráfico 27 - Número de imigrantes por gênero, segundo as Regiões Administrativas - 2000



A proporção de migrantes recentes no total da população destaca a Rocinha, onde um em cada dez moradores da favela chegou ao Rio de Janeiro nos últimos cinco anos. Em seguida vem a Barra da Tijuca, com 8,4% de migrantes recentes em sua população total.

Gráfico 28 - Proporção de imigrantes no total da população das Regiões Administrativas - 2000

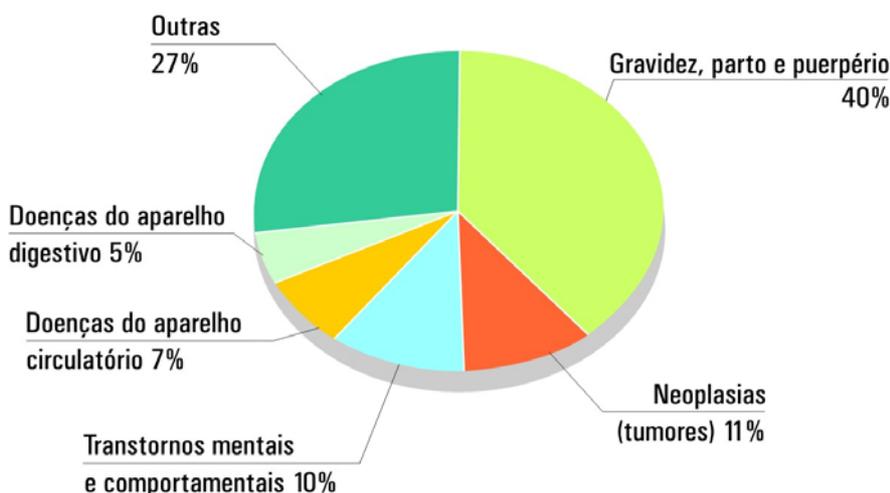


### Internações hospitalares

No Rio, 50% das internações femininas têm como causa gravidez/parto/puerpério. Seguem-se a esta em importância, as neoplasias (11%) e os

transtornos mentais e comportamentais (10%). Já no universo masculino os males são outros: transtornos mentais e comportamentais (22%) lideram o *ranking* de internação. As doenças do aparelho circulatório (13%) aparecem em segundo lugar, acompanhadas pelas doenças do aparelho digestivo e neoplasias, ambas com 10% dos casos.

Gráfico 29 - Principais causas de internações de mulheres em % - 2002

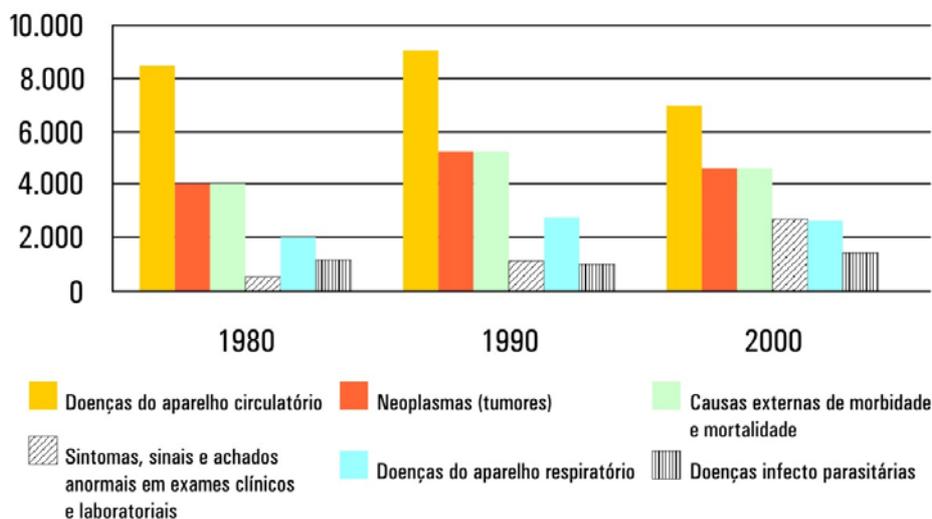


Fonte: DATASUS

## Óbitos

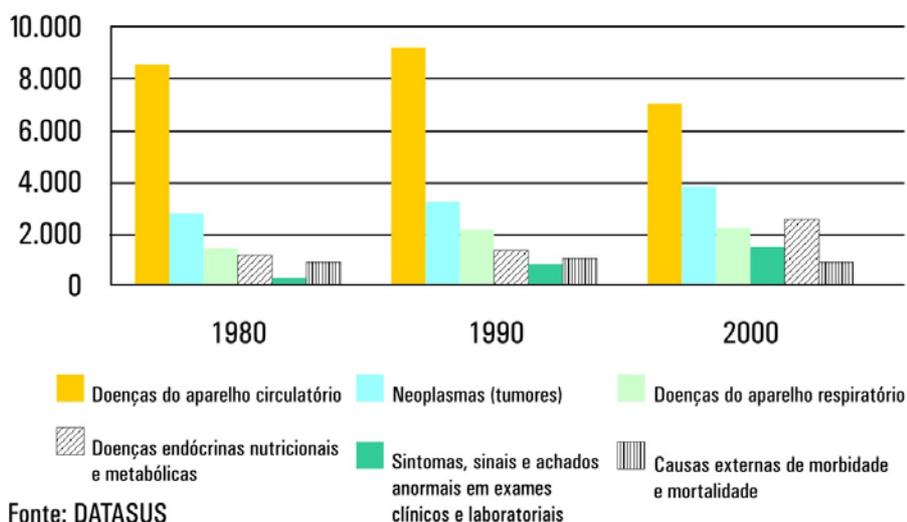
Nas três doenças que mais matam, homens e mulheres compartilham as duas primeiras causas: doenças do aparelho circulatório e neoplasias. Na terceira causa, contudo, a diferença é marcante: para os homens são as causas externas de morbidade e mortalidade, enquanto para as mulheres são as mortes por doenças do aparelho respiratório.

Gráfico 30 - Principais causas de óbito masculino - 1980, 1990 e 2000



Fonte: DATASUS

Gráfico 31 - Principais causas de óbito feminino - 1980, 1990 e 2000

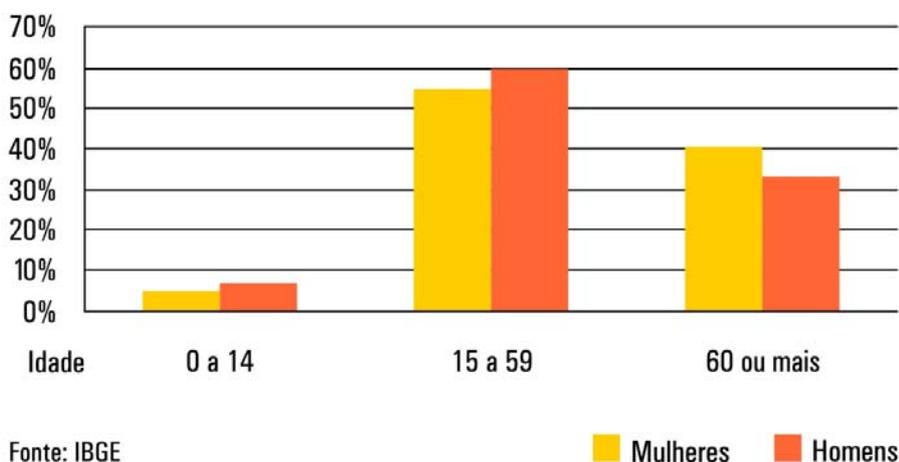


### Pessoas com deficiência

Quando o Censo Demográfico do IBGE perguntou, em 2000, a homens e mulheres, se apresentavam algumas das deficiências de uma dada lista, 83% das mulheres e 87% dos homens declararam não possuir nenhuma das deficiências apontadas.

Entre as pessoas que apresentam alguma deficiência, a distribuição por segmento etário mostra que os jovens (0 a 14 anos) contribuem com menor peso, não ultrapassando 6%. Os adultos (15 a 59 anos) respondem por aproximadamente 58% das pessoas com alguma deficiência. Finalmente, os idosos ficam próximos a 36% dos casos.

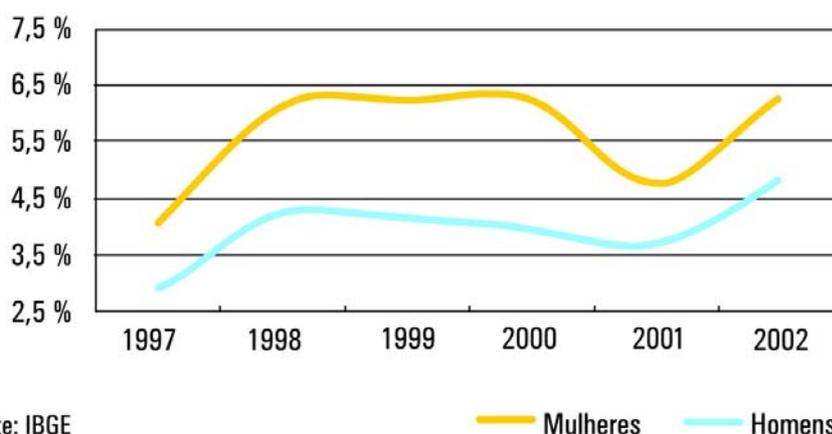
Gráfico 32 - Proporção de pessoas com alguma deficiência por sexo, segundo o grupo etário - 2000



## Emprego

O histórico da taxa de desemprego aberto por sexo (gráfico 33) mostra que as mulheres sempre se encontram em pior situação que os homens, independentemente da tendência da curva. Em termos de taxas, as mulheres ficaram, entre 1998 e 2000, dois pontos percentuais abaixo dos homens. De 2001 para 2002, a taxa de desemprego cresceu, enquanto a diferença entre os sexos caiu.

Gráfico 33 - Taxa de desemprego aberto por gênero - 1997 a 2002

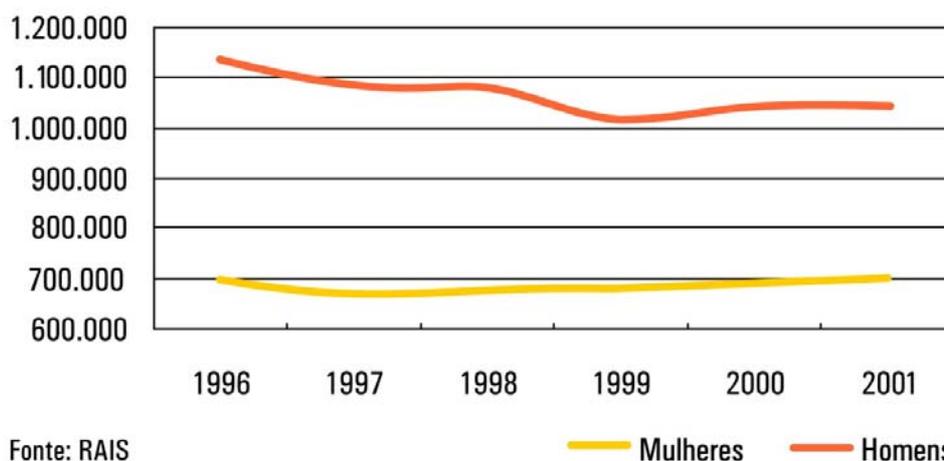


Fonte: IBGE

Mulheres Homens

A série histórica do total de empregados formais oriunda dos registros administrativos da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais), por sua vez, mostra que caiu, em termos absolutos, a diferença entre empregos de homens e mulheres no período 1996 a 2001. As mulheres mantiveram o total de empregos em cerca de 700 mil. Já os homens, perderam cerca de 100 mil empregos no mesmo período.

Gráfico 34 - Total de empregados por gênero - 2003

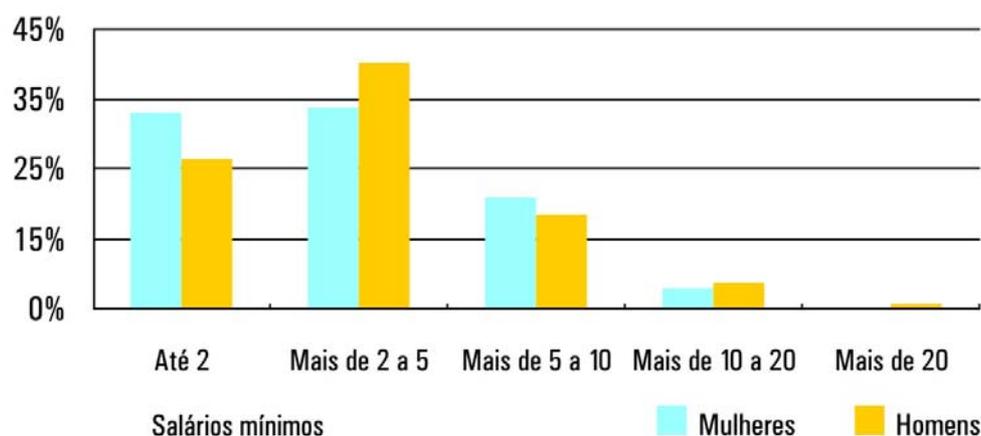


Fonte: RAIS

Mulheres Homens

A análise dos rendimentos dos trabalhadores do mercado formal (RAIS) segundo a faixa salarial por sexo nos mostra (gráfico 35) que a classe modal de rendimentos, tanto para homens (40%) como para mulheres (34%), é perceber mais de dois a cinco salários mínimos. A faixa dos que recebem até dois salários mínimos tem 33% das mulheres e 26% dos homens. Por estes dois resultados, podemos afirmar que dois em cada três empregados têm rendimento menor ou igual a cinco salários mínimos.

**Gráfico 35 - Empregados por gênero, segundo a faixa salarial - 2002**



Fonte: RAIS

## Síntese

A desigualdade de gênero é uma das desigualdades que marcam a sociedade brasileira. Como capital brasileira com maior participação feminina na população, o tema adquire especial importância na cidade do Rio de Janeiro.

Combater a desigualdade entre mulheres e homens na cidade – onde a dinâmica econômica apóia-se crescentemente no setor de serviços e onde o principal fator de competitividade vincula-se aos níveis de escolaridade e cultura da população – é mais do que um valor, é também uma condição para um futuro melhor.